

A CIÊNCIA EM BUSCA DA CONSCIÊNCIA

*Gutemberg Armando Diniz Guerra*<sup>1</sup>

COSTA, Francisco de Assis. **Ciência, tecnologia e sociedade na Amazônia.** Questões para o desenvolvimento sustentável. Belém : Ed. Cejup, 1998.

Continuando a discussão sobre a proposta de um tipo de desenvolvimento regional em que o campesinato esteja contemplado como ator presente e ativo, e ampliando a discussão sobre estes temas, o professor Francisco de Assis Costa, economista graduado na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, mestre pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e doutor em Economia pela *Frei Universität Berlin*, na Alemanha, nos apresenta uma nova obra. Nela discute o papel dos cientistas na construção deste sujeito e como esta participação fundamental carece ainda de investimentos na Amazônia.

Oferece ao leitor, da introdução ao segundo capítulo, o instrumental teórico e estatístico do qual se utiliza para esta análise e que vai perpassar, em 30 tabelas e 6 gráficos bem construídos, todo o texto. O autor tem usado como método, em suas obras, a análise, de dados quantitativos reunidos em torno de um tema, discutindo sua pertinência, criticando-os e acrescentando parâmetros de avaliação qualitativa, o que torna os seus textos densos e consistentes. De fato, nada é tomado como um dado em si, uma vez que tudo é passível de crítica e serve de material para uma nova construção.

O seu trabalho, neste livro, é o de entender as instituições de pesquisa na Amazônia, seus perfis e de seus pesquisadores e suas contribuições na formulação de políticas ajustadas à região, o que propõe através da apresentação

---

<sup>1</sup> Doutor em socioeconomia do desenvolvimento. E-mail [gutemberg@naea.ufpa.br](mailto:gutemberg@naea.ufpa.br)

de «biografias» das instituições, no capítulo III. Utilizando os conceitos de instituições *universalistas* e *finalistas*, procura verificar a orientação seguida pelas quatro mais importantes entidades científicas da região, a saber: o Museu Paraense Emílio Goeldi, o Instituto Agrônomo do Norte que vem a ser o mesmo Centro de Pesquisa Agroflorestal do Trópico Úmido, o Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia e a Universidade Federal do Pará. Analisa, caso a caso, a trajetória e a conformação da Ciência e Tecnologia na Amazônia a partir dessas entidades.

*A instituição universalista caracteriza-se pela independência que desfruta e propicia ao esforço de pesquisa e à transmissão do conhecimento, em relação tanto a interesses práticos imediatamente localizáveis quanto a controles externos. O cientista é o seu agente, que tem na própria perplexidade diante do mundo o seu mobile; no instrumental adquirido junto a uma certa escola sua base de julgamento; no conhecimento do universo e da natureza, na sua generalidade, o objetivo de sua ciência; na aguda noção de pertinência a um projeto universal de conhecimento - organizado pelos paradigmas dominantes - o meio de conformação da sua consciência.* (página 60).

Definidas as instituições universalistas, Costa utiliza a adjetivação de Quirino et al. para definir como finalista aquela que “caracteriza-se pela busca objetivada - quer dizer atrelada a uma necessidade social objetivamente estabelecida - do saber (p. 60).”

Analisando a trajetória destas instituições na história da Amazônia a partir de uma quantidade considerável de dados estatísticos sobre a produção científica, Costa verifica a insuficiência dos esforços e dos recursos humanos para consolidar um sistema de pesquisa eficiente ao favorecimento de políticas públicas conseqüentes com vistas ao desenvolvimento sustentável. O texto oferece uma leitura em que a prática de pesquisa científica pode ser entendida da mesma forma que alguns investimentos feitos contemporaneamente no setor econômico, em que atendem a objetivos externos à região e aos segmentos sociais nela presentes, funcionando como um enclave. Desta forma, embora tenham gerado conhecimentos importantes sobre a região, serviram para apoiar o trabalho de vários cientistas, dar respeitabilidade às instituições, mas pouco produto social e econômico teriam oferecido aos agricultores e empresários amazônicos.

Ainda que incipiente em relação a outras regiões do país, existe um estoque de conhecimentos gerados por estas instituições sem que sua finalização se efetivasse coerentemente com a dinâmica econômica. Costa mede este distanciamento pela comparação entre a dinâmica econômica real de cada produto e os trabalhos de pesquisa realizados para cada um deles. Aqui cabe um comentário sobre a deficiência deste repasse principalmente aos beneficiários da pesquisa agrícola. Esta tem o alibi de que, sendo encarregada de gerar tecnologias e processos, os repassaria via sistema de extensão rural, o que teria funcionado com relativa eficiência durante um certo período e para algumas culturas. Existem autores que defendem que o problema da difusão estaria fora do problema da geração das tecnologias. O desmantelamento da rede de extensão rural e o enfraquecimento do segmento de difusão da Embrapa teriam sido elementos de desmantelamento deste processo de repasse, o que não exclui a possibilidade de que a produção dos pesquisadores tenha sido significativa. A constatação de Costa abre novas questões sobre as formas como esta difusão foi e vem sendo feita e oferece temas de estudo e de uma análise orientada a respeito de como se deu e como vem ocorrendo a apropriação dos produtos gerados no Sistema de Pesquisa Agropecuária na Amazônia.

Da lista dos pontos de recomendações que apresenta no final da obra, há que se concordar com a maioria deles, ressaltando-se debilidade marcante da pesquisa e investimentos no setor naval e em agroecologia. O que é questionável é se a melhor maneira de viabilizar estes investimentos seria através da criação de novos centros de pesquisa destinados a estas áreas, como propõe o autor, ou se não seria mais eficiente o estímulo financeiro e político a grupos de pesquisa afins a estas áreas a fim de que despendessem esforços para enriquecer o estoque de conhecimentos científicos e tecnológicos que suscitasse o desenvolvimento de novas políticas de geração e apropriação destes produtos pelos atores sociais interessados.

Este trabalho de Francisco de Assis Costa demonstra a amplitude das contribuições que o autor tem oferecido às discussões sobre o desenvolvimento regional, e constitui um importante referencial para a discussão de ciência e tecnologia na Amazônia e para melhor compreensão do nível de engajamento dos pesquisadores e sua relação com a sociedade.